

PIRÂMIDES DO CONHECIMENTO: ABORDAGENS COMPARATIVAS ENTRE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E INTELIGÊNCIA DE ESTADO¹

Rodrigo Fileto Cuerci Maciel²

Marta Macedo Kerr Pinheiro³

RESUMO:

No contexto da Ciência da Informação, a inteligência pode ser entendida como a atividade sistemática de coleta e análise de informações de modo a produzir conhecimento para ação. Quando essa envolve o contexto empresarial no qual as organizações procuram obter vantagem sobre os concorrentes através da classificação, tratamento e uso da informação, torna-se objeto de estudos teóricos e empíricos da disciplina inteligência competitiva. Entretanto, neste trabalho, abordaremos a inteligência de Estado entendida como aquela voltada para produzir conhecimento e reflexões para a tomada de decisões em relações adversariais, na seara internacional, pelos formuladores de políticas da área de segurança. Como anteparo teórico utilizou-se a metáfora da pirâmide que concebe em sua base dados e informações e atinge camadas analíticas mais complexas no topo. A partir da base conceitual de Aldo Barreto apresentaremos o modelo proposto por Sherman Kent cujo objetivo se concentra na acumulação de informações para a formulação de hipóteses preditivas. Deste modo, fomenta-se o entrelaçamento teórico, multidisciplinar, para que tanto a inteligência praticada pelas organizações estatais quanto a própria Ciência da Informação se deparem com uma nova perspectiva sobre os fenômenos da informação e do conhecimento.

Palavras-Chave: Inteligência de Estado. Inteligência competitiva. Análise de informações. Análise de inteligência. Hierarquia do Conhecimento. Epistemologia.

ABSTRACT:

In the context of Information Science, intelligence can be understood as the activity of systematic collection and analysis of information to produce knowledge to action. When this activity involves the business environment in which organizations seek to take advantage over competitors through classification, treatment and use of information, it becomes the object of theoretical and empirical studies of competitive intelligence discipline. However, this article discuss Intelligence, understood as that aimed at producing knowledge and reflections to security fields policy makers take decisions in adversarial relationships, in international matters. As theoretical bulkhead, was used the metaphor of the pyramid who conceives raw data and information in its base and complex analytical themes reaching the top layer. Sherman Kent's

¹ Pesquisa em desenvolvimento no Mestrado em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais com o título "A construção de conhecimento pela análise de inteligência na Crise dos Mísseis de Cuba".

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: rodfileto@gmail.com

³ Pós-doutorado em Ciências Sociais da Université Paul Sbatier – França. Professora e pesquisadora da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: martakerr@gmail.com

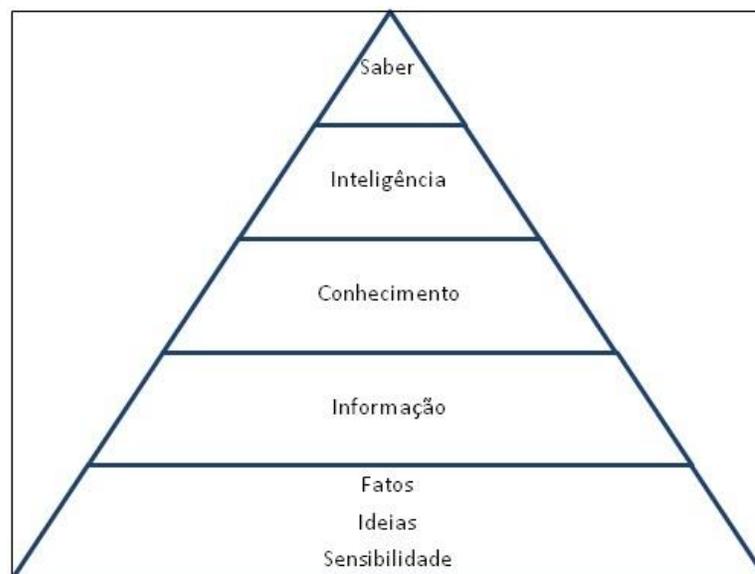
model is presented from Aldo Barreto's conceptual basis whose objective focuses on the accumulation of information to formulate predictive hypotheses. Thus, it promotes theoretical entanglement, multidisciplinary, so that both the intelligence practiced by State Agencies and the Information Science gather with a new perspective on the phenomena of information and knowledge.

Keywords: Intelligence. Competitive Intelligence. Information Analysis. Intelligence Analysis. Knowledge Hierarchy. Epistemology.

INTELIGÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO

O termo inteligência é utilizado em diversas disciplinas, sendo ainda comum a formação de expressões a partir da combinação com outras palavras. É utilizada, por exemplo, na Psicologia, levando-se em conta as habilidades cognitivas de um indivíduo.

Para os propósitos deste artigo, descartaremos o sentido polissêmico do termo procurando abordar o seu uso na Ciência da Informação. Nesse sentido, Aldo de Albuquerque Barreto discorre sobre a inteligência como sendo um fluxo estruturado obtido a partir de agregações sucessivas de fatos, ideias, informação e conhecimento. Para o autor, inteligência é a ação de introduzir dinamicamente “um conhecimento assimilado na realidade, que pode ser caracterizada como uma ação social, política, econômica ou técnica e representa um conjunto de atos voluntários pelo qual o indivíduo reelabora seu mundo e tenta modificar o seu espaço” (Barreto, 2006, p. 5-6). Ilustrando essa assertiva, Barreto elabora uma pirâmide, na qual, ao se subir de nível, agregam-se camadas analíticas (figura 01).



Fonte: (Barreto, 2006, p. 05)

O conceito, aplicado ao campo empresarial, gera estudos teóricos e empíricos de conformação da disciplina “inteligência competitiva” entendida como

[...] processo sistemático de coleta, tratamento, análise e disseminação da informação sobre atividades dos concorrentes, fornecedores, clientes, tecnologias e tendências gerais dos negócios, visando subsidiar a tomada de decisão e atingir as metas estratégicas da empresa. [Roedel, 2006, p. 77-78]

Utilizando esses anteparos teóricos, pretendemos neste artigo abordar a forma pela qual a Inteligência de Estado concebe seu processo de construção de conhecimento. Verificamos que da mesma forma apresentada por Barreto (2006), nessa atividade também é construída a metáfora da pirâmide, que representa a forma pela qual os profissionais devem abordar a informação como meio para se alcançar conhecimento preditivo a ser utilizado no processo decisório. Entretanto, precisamos destacar alguns pontos delimitadores que diferenciam a inteligência de Estado das demais atividades de coleta e análise de informações.

O primeiro é o seu aspecto do segredo governamental. Essa característica de “segredo de Estado” desdobra-se pelo ambiente em que a atividade está envolta, espaço de conflito entre atores estatais e transnacionais, no qual a informação sempre é considerada diferencial competitivo. Conhecer os planos dos adversários, antes que este se desenrole em ações, possibilita ao Estado a realização de contramedidas, seja no campo diplomático angariando aliados políticos, ou então no campo bélico através de medidas defensivas ou plano de contingências. Assim, inerente à atividade estão associados os métodos de coleta de informações “sem cooperação ou consentimento do lado adverso” (CEPIK, 2003, p. 27).

Além disso, a sua dimensão analítica é posta pela capacidade explicativa e/ou preditiva (CEPIK, 2003, p. 28). Coletar informações é tarefa própria de toda organização, assim como analisá-las, tendo em vista estabelecer cenários futuros, como por exemplo fez a Shell no início da década de 1970. Seus executivos utilizaram o “conhecimento sobre a possibilidade de uma escassez de petróleo para iniciar inovações que a ajudaram a resistir à crise [do aumento de preços que ocorreu em 1973]” (Choo, 2003, p. 58). Isto colocou a Shell em posição de segurança econômica no início da década de 1970, diante das concorrentes. Porém, neste estudo, o conceito de inteligência adotado abordará questões que demandam ação do Estado, na qual as fronteiras analíticas, junto a outras atividades governamentais correlatas, precisam ser traçadas “em relação a alguma conexão com a relevância dos conteúdos analisados para os processos de decisão governamental em política internacional, defesa nacional e provimento de ordem pública” (CEPIK, 2003, p. 30).

Dessa forma, resgatamos os objetivos propostos por Zunde e Gehl (1979, p.68), os quais apregoam que a principal questão é estudar “o fenômeno através do qual a natureza da informação é revelada e absorvida”. Abordaremos então o conceito observando o modo pelo qual a natureza das informações coletadas acerca dos adversários (*input*) é revelada e os processos através dos quais ela é transformada e absorvida na forma de conhecimento (*output*) para a ação.

No modelo teórico selecionado para este estudo observamos que sua origem está na consolidação da institucionalização da atividade de inteligência dos Estados Unidos no período subsequente ao fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e que mantém grandes implicações teóricas e práticas até os dias atuais (Wirtz, 2009).

A PIRÂMIDE ESTIMATIVA DE SHERMAN KENT

Podemos dizer que o grande expoente na formação e consolidação do atual paradigma da inteligência foi Sherman Kent. Acadêmico renomado de Yale, com conhecimentos em história e política francesa do século XIX, ele atendeu em 1941, então com trinta e sete anos, ao chamado do governo para que intelectuais dessem sua contribuição no esforço de guerra. Foi recrutado então para o *Research & Analysis*, braço analítico do *Office of Strategic Services*. Seus trabalhos tiveram notoriedade, principalmente nas pesquisas de apoio ao planejamento da invasão aliada no norte da África em 1942. Destacaram-se suas habilidades para gerenciamento de equipes, principalmente em fazer com que acadêmicos trabalhassem como um time e cumprindo exíguos prazos para a produção de seus estudos. Tal feito impressionou os consumidores militares desses produtos analíticos pela riqueza de detalhes obtidas através de documentos, incluindo materiais bibliográficos da Library of Congress⁴ (Central Intelligence Agency; 2007; Davis, 1992, p. 91-92).

Uma das características do método proposto por Sherman Kent está na preponderância do *scanning* para rastreamento do maior volume possível de informações como forma de resolver um específico problema analítico. Como exemplo, observamos que Kent (1967, p. 159) escreveu que um órgão de informação não “pode subsistir sem uma ampla e sistemática atividade de busca”, pois a varredura de um maior volume de informações seria o meio para se obter esclarecimentos sobre o ator adverso, principalmente em momentos de guerra.

Tal questão pode ser entendida a partir de paralelos com a formação do paradigma físico da Ciência da Informação, o qual atribui valor central aos fatores matemáticos dos processos comunicacionais e possui raízes contemporâneas com a formação do paradigma da inteligência aqui discutido. Tem como expoente o trabalho de Shannon e Weaver de 1949, no qual abordaram a Teoria Matemática da Comunicação, sendo o primeiro esforço teórico na definição de informação. Foi nesse ano que Sherman Kent também publicou seu principal trabalho.

Para Shannon e Weaver (1964), o processo comunicacional pressupunha um emissor, que enviaria uma mensagem selecionada dentre tantas outras, para um receptor, utilizando-se de um canal específico. Haveria três aspectos relacionados à informação: técnico, semântico e social. Entretanto, Shannon e Weaver abordaram apenas o primeiro, pois a preocupação principal seria a reconstrução de processos comunicacionais que pudessem ser quantificados (CORNELIUS,

⁴ Foi estreita a relação entre a inteligência estadunidense e a *Library of Congress* no intuito de que esta fornecesse materiais sobre cultura e psicologia das populações existentes nos locais de combate, bem como mapas sobre regiões que os Estados Unidos não tinham mais acesso físico por causa da guerra. Nos dias atuais, verificamos no sítio eletrônico da Central Intelligence Agency (<https://www.cia.gov/careers/opportunities/support-professional/librarian.html>), recrutamento para bibliotecário no qual se explica que a biblioteca desta agência mantém forte relacionamento com a *Library of Congress*.

2002). Essa quantificação permitiria que a informação fosse tratada como um objeto para os sistemas tecnológicos (BUCKLAND, 1991). Essa teria sido uma das formas pelas quais a ciência procurou resolver os problemas advindos do crescimento exponencial da informação e de seus registros, de forma que a origem da Ciência da Informação é considerada a partir desse período (SARACEVIC, 1996). Tanto que os primeiros testes de recuperação de informação foram efetuados na escola da Força Aérea Britânica, nos quais a informação foi tomada como um objeto que pudesse ser quantificado para se estabelecer as devidas relações matemáticas e estatísticas e assim alcançar um grau de precisão na sua recuperação (Ellis, 1996). Isso delinea um pouco mais o contexto de confiança nas ferramentas tecnológicas que ora surgiam no pós-guerra, para resolver a questão do excesso e posteriormente de entropia informacional, algo que também teria influenciado Sherman Kent.

A confiança nos dados empíricos também é verificada em trecho de outro artigo de Kent (1994, p. 39, tradução nossa⁵) quando afirma: “por agora, nós temos salas de arquivos ordenados de nossas descobertas voltando da guerra, e nós temos métodos para aumentar a utilidade de tais arquivos”.

Embora a lógica de Sherman Kent se baseie numa acumulação frequente de dados, há que se fazer a ressalva de que em determinados casos o excesso de informação e sua massificação não reduzem incertezas (CAPURRO, 2007; CORNELIUS, 2002; WERSIG, 1997), mas por seu caráter entrópico, retiram a sua capacidade de construção e de representação em conhecimentos.

Para continuar nossas explicações, utilizaremos a metáfora da pirâmide do conhecimento, a qual fora descrita por Kent. Ela é dividida em três extratos. O primeiro diz respeito ao elemento descritivo básico que toma o passado como lapso temporal. Trata-se do conjunto de informações que emprestará significação às alterações diárias dos acontecimentos sendo composto de informações enciclopédicas, catalogadas num grande arquivo ou reunidas na forma de livro. Sherman Kent propõe aglutinar nesse tipo de categoria uma base objetiva, estritamente descritiva, sobre questões relativamente imutáveis (terreno, hidrografia e clima) com outras mutáveis, mas que quase não sofrem alterações ao longo do tempo (população). Além disso, procura-se descrever também assuntos mais transitórios como organização política e econômica dos Estados (Kent, 1967, p. 25-42). Seu modo de obtenção: “será largamente fruto de nossos próprios esforços na coleta da inteligência e assim, constituirá um corpo de material que nós estaremos melhor informados do que nosso cliente” (Kent, 1994, p. 62, tradução nossa⁶).

Para um exemplo sobre o que consistiria este tipo de elemento de conhecimento, segue citação de uma situação da Segunda Guerra Mundial (1939-1945):

O oficial de transportes responsável pelo desembarque de nossos homens e equipamento no pôrto de Alger, imediatamente após o assalto, estava bem provido com a mais minuciosa descrição do pôrto, mas as informações falharam para êle pelo menos a respeito de duas coisas. Não lhe disseram que

⁵ By now we have orderly file rooms of our findings going back to the war, and we have methods of improving the usefulness of such files.

⁶ The factual stuff of the base of the pyramid is likely to be largely the fruit of our won intelligence-gathering efforts and so constitute a body material about which we are better informed than our consumers.

cada metro quadrado existente nas docas estava ocupado por enormes barris de vinho e fardos de palha, igualmente grandes e difíceis de manusear. [...] Isso foi o caso de uma contingência imprevista. A outra falha era difícil de desculpar. Uma das obrigações do oficial de transportes era a de providenciar para que um certo número de aviões de combate fôssem descarregados e conduzidos para o aeródromo de Maison Blanche, situado nas proximidades, no mais curto prazo. [...] Todavia, como não estava certo da largura das ruas ao longo dos itinerários possíveis, removeu as asas dos aparelhos. Se as informações tivessem proporcionado êsses dados, o oficial teria adotado outra solução e economizado tempo, uma vez que, pelo menos um dos itinerários era suficientemente largo [Kent, 1967, p. 28].

Realizada a catalogação de acordo com os elementos objetivos do país estrangeiro, torna-se necessário atualizá-la de modo a acompanhar o rumo das alterações que se processam. Tal categoria é chamada por Kent de informações correntes. Esse tipo de conhecimento deu embasamento para a criação do *President Daily Brief*, um documento que é entregue diariamente ao Presidente dos Estados Unidos que consiste numa compilação dos principais assuntos do momento que possam vir a afetar a Segurança Nacional e que demandam conhecimento imediato do tomador de decisão⁷ (Kent, 1967, p. 43-50).

A partir do preenchimento da base da pirâmide com os fatos descritivos do país adversário, caberia então alcançar o cume da pirâmide que consistiria em hipóteses preditivas acerca das prováveis linhas de ação que um adversário pode tomar numa dada situação objetiva. Nas palavras de Sherman Kent, consiste em passar do conhecido para o desconhecido, em direção ao futuro. Esse tipo de conhecimento é chamado de especulativo-avaliativo (Kent, 1967, p. 51-76), ou então, estimativo (Kent, 1994), e põe à prova a capacidade analítica dos profissionais da inteligência, sendo necessário para sua consecução que eles utilizem:

[...] um conjunto de técnicas e maneiras de pensar, e com a ajuda delas você se esforce lógica e racionalmente (você espera) para desvendar o desconhecido, ou pelo menos grosseiramente definir alguma área de possibilidade pela exclusão de uma grande quantidade do impossível. [Kent, 1968, p. 61, tradução nossa⁸]

As perguntas-chave nesse tipo de conhecimento são as seguintes: quais as linhas de ação que o estado estrangeiro adotará por sua própria iniciativa e quais serão induzidas por ação de outrem? Aqui observamos como Sherman Kent monta seu quebra-cabeça analítico de forma a especular tais linhas de ação, tomando estas como resultado de uma equação matemática cujas variáveis seriam os fatores objetivos relativos às capacidades e vulnerabilidades do adversário.

⁷ Para exemplos de documentos deste tipo já desclassificados e tornados públicos consultar: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/pdbnews/index.htm#pdb>

⁸ [...] a group of techniques and ways of thinking, and with their help you endeavor logically and rationally (you hope) to unravel the unknown or at least roughly define some area of possibility by excluding a vast amount of the impossible.

A primeira coisa a ser identificada, ou então imaginada, é o contexto da situação, pois somente após identificar o “adversário, o tempo, o lugar e os meios prováveis a serem usados, podemos justificar os cálculos” (Kent, 1967, p. 56).

A partir desse caberia identificar, separadamente, dois fatores: estatura estratégica e vulnerabilidades específicas. Para ambos, torna-se necessária a recuperação dos dados previamente catalogados na forma do elemento descritivo básico e constantemente atualizados pelas informações correntes.

Por estatura estratégica, Sherman Kent (1967, p. 53) designou o fator positivo na equação, sendo composto da “soma total de meios coatores e suasórios que o Grande Frusina [país hipotético concebido pelo autor] possui, ao qual deve adicionar a vontade de usá-los e sua adaptação ao seu uso.” Ela se divide em dois tipos de capacidades: os instrumentos não militares, que abrangem toda as armas políticas, econômicas e psicológicas que o Estado adversário pode usar para influenciar numa dada situação. O outro é o potencial de guerra, que diz respeito a toda força⁹ mobilizada, ou possivelmente mobilizável, através da qual o adversário possa fazer valer seus interesses através da força bélica.

O outro fator, de sinal negativo na equação, são as vulnerabilidades específicas, as quais consistem nas facetas que identificam setores do país adverso vulneráveis à ação de armas bélicas, políticas, econômicas ou psicológicas. A ideia é identificar pontos fracos que, caso sejam atacados, apresentem resultados positivos desproporcionalmente maior que o próprio custo do ataque¹⁰.

Deste modo, os elementos acima descritos seriam as variáveis independentes na equação. O papel do analista de Inteligência, tal qual um matemático, seria de efetuar a subtração dos fatores negativos dos positivos para assim predizer as prováveis linhas de ação que o ator adverso poderia tomar numa dada situação objetiva. Nesse ponto, deveria ser levado em conta dois volumes adicionais de conhecimento: as linhas de ação tomadas no passado, cabendo uma relativização já que o momento presente pode ser o ponto de rompimento com uma tradição; e como o adversário se vê na situação dada, quais os resultados ele acredita que alcançará e quais se pretende evitar.

Esses seriam os elementos para articularmos o terço final da pirâmide. Nos fatores positivos e negativos da equação reside o espectro conhecido, obtido através do aparato de coleta de inteligência e catalogado de forma a compor os elementos descritivos básicos. Sua aglutinação a partir da “clássica indução revelou a base da pirâmide, então agora poderemos chamar outras clássicas metodologias da dedução, e com sua ajuda vamos raciocinar sobre o caminho em direção ao topo” (Kent, 1968, p. 62, tradução nossa¹¹).

⁹ Força entendida num sentido amplo, podendo ser os recursos humanos, doutrina militar e meios econômicos civis que possam ser revertidos para a produção econômica de guerra.

¹⁰ Custo também apresenta um conceito amplo, pois pode-se entender àqueles não quantificáveis financeiramente, mas psicologicamente, como por exemplo, a reação internacional diante de um ataque militar.

¹¹ Just as classical induction revealed the base of the pyramid, so now we call upon the other classical methodologies of deduction, and with their help we reason our way up the pyramid toward the top.

Antes de falarmos da dedução propriamente dita e o processo de criação de hipóteses sobre as prováveis linhas de ação, cabem duas considerações acerca da base factual de Sherman Kent. Primeiramente, verificamos pelo trecho acima o quão amplo, ou melhor, enciclopédico, deveria ser o elemento básico descritivo de modo que uma possível generalização poderia ser feita através de suas partes pelo método da indução. Para a segunda ponderação, cabe-nos citar o seguinte trecho:

Com uma pequena quantidade de manipulação você pode criar uma pirâmide diferente conceitualmente, cuja base ainda é a mesma, porém, o cume ainda reside numa zona muito mais perigosa para a segurança do seu trabalho ou muito mais apropriada às exigências de sua pré-concepção política [Kent, 1968, p. 63, tradução nossa¹²].

Inferimos então que Sherman Kent tomava o termo objetivo de maneira que elementos descritivos básicos e as informações correntes conteriam dados cuja verificação possui constatação e significado que possam ser compreendidos por todos e não haja dúvida a respeito de sua existência, ou sequer outra interpretação a respeito deles. Tanto que ele não abre a possibilidade na construção de sua pirâmide do conhecimento de um rearranjo dos próprios dados básicos descritivos, mas apenas da especulação sobre as prováveis linhas de ação. Essa posição é similar àquela tomada por Karl Popper na construção de sua metodologia científica, o qual afasta crenças pessoais e fatores psicológicos da observação dos eventos e só admite como meio de prova fatos que possam ser compreendido por todos, ou seja, “intersubjetivamente submetidos a teste” (POPPER, 2007, p. 46). Tal concepção é chamada por Anthony Olcott (2009, p. 22) de visão platônica da realidade quando, com pouquíssimas margens para levar em conta a incerteza, haveria a convicção de que para cada fenômeno, cada ocorrência, haveria uma única verdade.

Feita essa consideração, voltamos ao preenchimento do topo da pirâmide. Sherman Kent assume que a metodologia clássica para alcançá-lo é a dedutiva, que consistiria em se mover do conhecido para o desconhecido arriscando certa dose de “[...] incursão experimental enquanto novas hipóteses são criadas, testadas, e rejeitadas” (KENT, 1968, p. 62, tradução nossa¹³). Esse, segundo Sherman Kent, é o caminho mais respeitável. É importante notar que a dedução proposta é a formulação de hipóteses partindo-se dos dados. Tanto que Kent critica quem toma o caminho oposto:

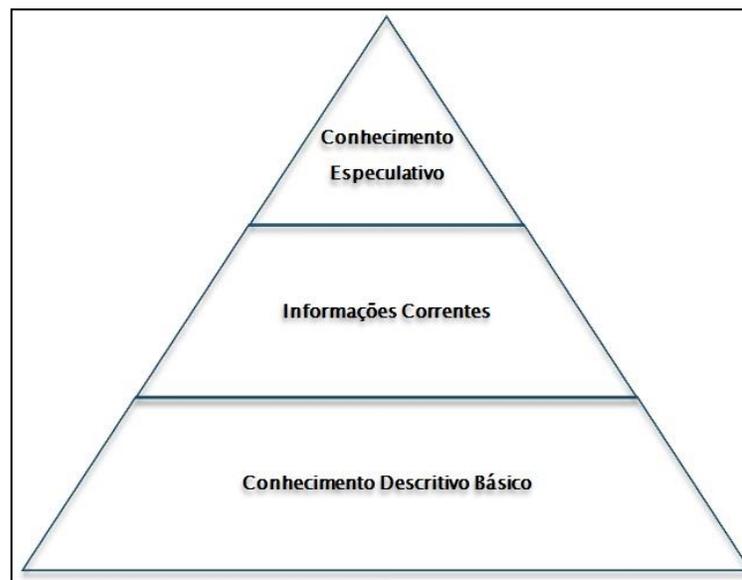
O seguidor do método reverso primeiro decide que resposta ele deseja [formulação da hipótese]. Uma vez que ele tomou esta decisão, ele sabe o exato lugar do ápice da pirâmide, porém, nada mais que isso. Ela está lá boiando, numa simples asserção gritando por racionalidade. Esta, então, é trabalhada do alto para baixo. A dificuldade da manobra chega a um clímax quando no último

¹² With a small amount of tinkering you can create a somewhat different conceptual pyramid whose base is still the same, but whose apex will lie in a zone much less dangerous to your job security or much more appropriate to the requirements of your policy preconceptions.

¹³ The procedure which moves from the know to the unknown with a certain amount of tentative foraying as new hypotheses are advanced, test, and rejected is merely the most respectable way.

estágio, a dedução numa queda perversa deve se juntar suave e naturalmente com a realidade da base. Esta operação requer uma considerável habilidade, particularmente quando há um rico suprimento de material-base factual. Sem uma habilidosa articulação artificial, toda estrutura pode ser feita para proclamar sua ilegitimidade, para o desgosto de seu progenitor. [KENT, 1968, p. 62, tradução nossa¹⁴]

Ou seja, o que Kent chama por método dedutivo não é o mesmo que Karl Popper faz. Para este, o método hipotético-dedutivo só admite prova empírica depois que a hipótese tenha sido formulada (POPPER, 2007, p. 30). Desse modo, podemos montar a pirâmide do conhecimento de Sherman Kent da seguinte maneira:



Fonte: Elaborada pelo autor

CONCLUSÃO

Dessa forma, temos as duas pirâmides do conhecimento, aquela proposta por Aldo Barreto, que tomamos como modelo representativo da Ciência da Informação, e a de Sherman Kent, que dispõe sobre o acúmulo informacional para a análise de inteligência. Uma análise comparativa entre elas justifica o propósito deste artigo.

Cabe ressaltar que as pirâmides não são em todos os aspectos comensuráveis. Cada uma apresenta objetivos diversos na construção do conhecimento. E isso de certa forma pode ser explicado com o histórico dos seus proponentes. Barreto exerce a atividade de docência e pesquisa no Brasil há mais de trinta anos e sua preocupação é com a mediação da informação

¹⁴ The follower of this reverse method first decides what answer he desires to get. Once he has made this decision, he knows the exact locus of the apex of his pyramid but nothing else. There it floats, a simple assertion screaming for a rationale. This, then, is worked out from the top down. The difficulty of the maneuver comes to a climax when the last stage in the perverse downward deduction must be joined up smoothly and naturally with the reality of the base. This operation requires a very considerable skill, particularly where there is a rich supply of factual base-material. Without an artfully contrived joint, the whole structure can be made to proclaim its bastardy, to the chagrin of its progenitor.

para o uso do homem coletivamente, a partir de suas interações em comunidade, mas também individualmente, quando reflete cognitivamente em si mesmo sobre o que recebeu de recursos informacionais. Já Sherman Kent, por ter exercido sua atividade numa agência de inteligência objetivando o assessoramento de agentes políticos envolvidos na Segunda Guerra Mundial, formulou um modelo teórico preditivo sobre os planos e intenções dos adversários baseado na acumulação de informações, catalogadas de acordo com o assunto e sequenciadas no tempo.

E isso confirma o que fora dito por T. D. Wilson (2000) quando explica a ineficiência de se pensar num único conceito acerca da informação, pois tal fenômeno é resultado de uma prática informacional específica e adquire resultado individualizado em cada uma delas. Tentar definir um único conceito de informação é correr o risco de, ao se buscar a generalização, atingir tal grau de abstração que pouco servirá às aplicações reais.

Desse modo, podemos articular que as hierarquias do conhecimento se apresentaram diferentes devido ao fato de que cada um dos formuladores das pirâmides aqui analisadas tinham finalidades díspares. Além disso, cada um via o mundo de um diferente ponto de observação. Desse modo, se considerarmos então que ambas as pirâmides podem apresentar uma expressão da realidade exterior que pretendemos conhecer, desiguais, mas não necessariamente conflitantes, e que nenhuma aborda tal realidade em sua totalidade, poderíamos concluir que o conhecimento sobre um dado objeto dependerá não somente dele, mas também da abordagem que utilizarmos.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Jorge (org). **Gestão estratégica da informação e inteligência competitiva**. São Paulo: Editora Saraiva, 2006. Cap. 1, p. 03-16.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of American Society for Information Science**. n. 42, v.5, p. 351-360, 1991.

CAPURRO, Rafael. Epistemología y ciencia de La información. **Enlace** [online]. 2007, vol.4, n.1 [citado 2012-12-12], pp. 11-29. Disponível em: <<http://www.capurro.de/enancib.htm>>. ISSN 1690-7515.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **The Office of Strategic Services: America's First Intelligence Agency**. 2007. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/books-and-monographs/oss/index.htm>>. Acesso em 28 out 2009.

CEPIK, Marco. **Espionagem e democracia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

CHOO, Chun W.. **A organização do conhecimento**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

CORNELIUS, Ian. Theorizing information for Information science. **Annual Review of Information science and Technology**, v. 36, p. 393-425, 2002.

DAVIS, Jack. The Kent-Kendall debate of 1949. **Studies in intelligence**, Washington, v. 36, n. 5, p. 91-103, 1992.

ELLIS, David. **Progress and problems in information retrieval**. London: Library Association Publishing, 1996.

FINGAR, Thomas. **Reducing Uncertainty: Intelligence analysis and national security**. California: Stanford University Press, 2011.

KENT, Sherman. **Informações estratégicas**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1967.

KENT, Sherman. *Sherman Kent and the Board of National Estimates*. Edited by Donald P. Steury. Washington DC: Central Intelligence Agency, 1994.

OLCOTT, Anthony. Revisiting the legacy: Sherman Kent, Willmoore Kendall, and George Pettee – Strategic intelligence in the digital age. **Studies in intelligence**, Washington, v. 53, n. 2, p. 21-32, 2009.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira. São Paulo: Cultrix, 2007.

ROEDEL, Daniel. Estratégia e inteligência competitiva. In: STAREC, Cláudio; GOMES, Elisabeth; BEZERRA, Jorge (org). **Gestão estratégica da informação e inteligência competitiva**. São Paulo: Editora Saraiva, 2006. Cap. 5, p. 67-86.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução, relações. **Perspectivas em Ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SCHWARTZ, Peter. **A arte da visão de longo prazo: planejando o futuro em um mundo de incertezas**. 3ª ed. São Paulo: Editora Best Seller, 2004.

SHANON, Claude E.; WEAVER, Warren. **The mathematical theory of communication**. Urbana: The University of Illinois Press. 1964.

T.D., Wilson. Recent trends in user studies: action research and qualitative methods. **Information Research**, v. 5, n. 3, abr. 2000.

WERSIG, G.. Information theory. In J. Feather & P. Sturges (Eds.), **Encyclopaedic Dictionary of Library and Information Science**, pp. 220-227. London: Routledge, 1997.

WIRTZ, James J.. The American approach to intelligence studies. In: JOHNSON, Loch. (ed.). **Handbook of intelligence studies**. New York: Routledge, 2009. Cap. 2, p. 28-38.

ZUNDE, P.; GEHL, J.. Empirical foundations of information science. **Annual Review of Information Science and Technology**, 14, 67-92, 1979.